

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Mulheres Empreendedoras Chevron (MEC)

Sonho de administrar sua vida

História de [Natasha Firmino da Silva Alves](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 21/01/2013

Projetos Mulheres Empreendedoras Chevron
Depoimento de Natasha Firmino da Silva Alves
Entrevistada por Rosana Miziara
Rio de Janeiro, 23 de maio de 2012
Realização Museu da Pessoa
Entrevista MEC_HV037
Transcrito por Márcia Fernandes / MW Transcrições (Mariana Wolff)
Revisado por Teresa de Carvalho Magalhães

P/1 – Natasha, você pode falar seu nome, local e data de nascimento?

R – Meu nome é Natasha Firmino da Silva Alves, minha data de nascimento: nasci dia primeiro de janeiro de 1991 e não me recordo do local, eu só sei que minha vida inteira e onde que eu nasci foi ali no Leblon, na avenida São Sebastião.

P/1 – Você nasceu, que que era lá no Leblon, casa dos seus avós?

R – Sim, a casa dos meus avós eram conjuntos habitacionais de apartamentos. Aí minha mãe, antigamente, morava com eles, então, automaticamente, eu e meus irmãos também morávamos com eles.

P/1 – Até quantos anos de idade você morou lá?

R – Morei com a minha avó até dez anos, depois saí, fui morar com a minha mãe e com o meu padrasto. Com 13 anos voltei novamente para casa da minha avó e com 18 para 19 anos eu saí e vim morar com a minha mãe.

P/1 – Então, vamos voltar, como é que era essa sua casa de infância, descreve ela?

R – Bom, o apartamento eram conjuntos, a gente morava no sétimo bloco. Era como, tinha elevador, tinha escada, de cômodos, deixa eu ver, eram cinco ou quatro cômodos. E morava eu, meus avós, minha mãe, minha tia e meus primos ali naquele local. Morávamos no terceiro andar, era muito divertido.

P/1 – Era divertido, como é que era lá, como é que vocês se divertiam?

R – Era divertido porque tinha meus primos da mesma faixa etária também. A gente teve uma infância muito boa ali também com as crianças ali daquela localidade. A gente brincava de pega-pega, de pique-esconde, ou então corria de alguém ou da minha mãe quando a gente implicava com os moradores ou ficava apertando a campainha e saía correndo, cuspiam. Era muito bom, muito divertido.

P/1 – Você ia à praia?

R – Constantemente, a gente morava a cinco minutos, assim de distância, tinha distância de cinco minutos, mais ou menos, da praia, então minha mãe sempre levava a gente para a praia. Ela sempre, final de semana quando ela tava de folga ela juntava eu, meus primos, a gente ia para praia e passava o dia inteiro na praia, voltava assim bem no final da tarde, tomava banho e continuava brincando. Era muito bom.

P/1 – Com quantos anos você entrou na escola?

R – Na escola? Acho que desde os meus quatro ou três anos a gente já tava na creche, eu e meu irmão, aí depois dali a gente continuou desde então.

P/1 – Como você ia para escola?

R – Eu ia para escola quando eu era pequena.

P/1 – A pé?

R – Sim, a pé.

P/1 – Até porque era?

R – Do estado, é. A creche também ficava próximo, a creche a gente morava no 7º bloco, a creche ficava no primeiro bloco. Então era muito próximo a creche, a minha mãe que levava a gente antes de ir pro trabalho. E quem ia buscar de vez em quando era meus primos ou minhas tias, então era muito perto. E depois a gente foi estudar no Santos Anos, que também ficava no 10º bloco, ficava atrás, perto da DPO que tinha ali, perto da 14ª. Aí a gente começou a estudar ali, como já não tinha professora, depois esse problema, então minha mãe transferiu a gente. Fui estudar um pouco na Henrique, depois da Henrique eu fui pro CIEP. Eu e meu irmão ficamos no CIEP, depois foram meus primos também fomos pro CIEP. No CIEP nós fomos pro primeiro. A gente ficou ali até a quarta série, e depois da quarta série eu fui estudar na Henrique, que fica ali em Ipanema. Então bem próximo, a gente só atravessava uma rua lá já tava na escola, na Henrique. Aí depois da Henrique eu passei para uma escola técnica, aí que eu fui passar, começar a estudar longe, fui estudar em Quintino para fazer o curso técnico, que era a única especialidade que eu queria, que era de Enfermagem, Técnica de Enfermagem, tinha só em Quintino. Era o mais próximo, o outro era lá na Santa Cruz. Aí eu passei e vim estudar em Quintino.

P/1 – Voltando lá atrás, você morou com, você não conhecia seu pai?

R – Conheço meu pai, disseram só que a gente não tem uma certa afinidade. Meu pai nunca foi assim tão presente na minha vida. Minha mãe que sempre supriu essa parte, essa parte paterna, minha mãe soube suprir muito bem essa parte. Então, assim, eu nunca tive tanta convivência com ele. Quem assim, com quem eu convivo dos meus pais são meus avós por parte de pai, meus tios. Também convivo um pouco com meus irmãos, mas não tenho tanta afinidade com ele.

P/1 – E como é era lá na casa da sua avó, quem que exercia autoridade, sua mãe, seus avós, como é que foi?

R – Meus avós, principalmente meu avô José Firmino, hoje ele já é falecido. Mas ele que realmente, quando ele gritava aí que não tinha mais para ninguém, tinha que calar a boca mesmo, era o último que dava a palavra. Minha avó sempre respeitava muito, mas eles procuravam tomar as decisões juntas, mas eram os dois.

P/1 – Você teve algum tipo de formação religiosa?

R – Sim, eu tenho, Testemunha de Jeová, já tenho, sou Testemunha de Jeová já durante, deixa eu ver, seis anos.

P/1 – Mas lá na casa dos seus avós tinha alguma coisa, eles falavam alguma coisa de religião?

R – Minha avó, minha avó também é Testemunha de Jeová. Então minha avó ela sempre passou o ensinamento dela para gente sempre baseado na bíblia. Mas ela também nunca obrigou ninguém a fazer a vontade dela ou seguir a mesma religião dela, ela dava essa liberdade para todos os netos. Tanto que, minha avó deve ter uns, mais de 25 netos, tem 15 bisnetos, mais ou menos, e eu sou a única Testemunha de Jeová neta, dos netos dela. Mas ela sempre deu essa liberdade. Mas ela explicava as coisas na bíblia para a gente, através, mostrava. Meu avô, não, meu avô nunca foi Testemunha de Jeová, ele não tinha religião. Mas também não era contra nenhuma religião, não era opositor, nada disso.

P/1 – Do que que você mais gostava na escola?

R – Da escola? Eu acho que dos professores, da hora da merenda, também quando eu era criança. Quando eu era criança eu gostava de ir para escola porque eu brincava mesmo, assim, tinha vontade, porque quando você tá no início da escola você não faz tantas coisas, não escreve tanto, não aprende tanto, não desenvolve ainda a parte intelectual da criança. Você vai praticamente para brincar, para pintar, é mais a coordenação motora. Então a gente ficava, gostava mesmo de brincar, e lembro das crianças também, que convivia mais com outras crianças. E depois quando eu fiquei um pouquinho mais velha aí eu ia realmente porque eu gostava de estudar, gostava dos professores.

P/1 – Tem algum professor que tenha te marcado, você lembra dele assim?

R – Têm, têm muitos.

P/1 – Fala de alguns.

R – Tem a Sônia e a Beatriz, que ela estudam no Henrique. Também tem uma professora de Ciências, que eu não me lembro muito o nome dela, não me recordo o nome dela, não sei se era Marta, Márcia, uma coisa assim, ela era muito boa, muito boa mesmo.

P/1 – Por que que você gostava dela?

R – Gostava porque além de ela dar aula ela procurava ser amiga, amiga realmente dos alunos. Ela gosta muito de conselhos, assim bons, dicas também, acho que por isso que recordo dela. E também de outros que era Darci, Darci o nome dela que foi, ela pegou o último ano na escola, na 8ª série, ela também acrescentou muito assim na minha vida como pessoa.

P/1 – E na juventude? Quer dizer você é jovem ainda, mas na adolescência você ia em que, em festinha, você fazia o quê?

R – Eu procurei sair mais com os meus amigos assim. Gostava também de ir no teatro, no cinema. Ou então ficar realmente à toa, só batendo papo com eles, conversando. Ou às vezes a gente ficava conversando no pátio ou saía para algum local ou marcava na casa de alguma amiga, a gente brincava, fazia alguma coisa, mais ou menos isso que a gente fazia.

P/1 – Você já teve namorado?

R – Não, por enquanto não.

P/1 – Nunca teve um assim paquera de você falar, “esse é meu namorado”?

R – Ah, paquera sim.

P/1 – De infância?

R – De infância, teve.

P/1 – Qual foi o primeiro?

R – Ai, meu Deus. Eu não queria falar dessa situação, não, precisa falar?

P/1 – Por quê?

R – Porque, assim, eu não me sinto à vontade falando, entendeu? Só por isso. Posso pular?

P/1 – Pode.

R – Ah, então, tudo bem. Então vou para próxima pergunta.

P/1 – E você já tinha trabalhado antes?

R – Não, só fiz estágio. Fiz estágio com 16 anos. Fiz de Operadora de Telemarketing e Assistente Administrativo. Mas trabalhar realmente mesmo, mesmo. Fiz estágio de Técnica de Enfermagem.

P/1 – Onde você fez esse primeiro estágio?

R – Foi no centro da cidade, numa empresa acho que chamada Gear, uma coisa assim.

P/1 – O que você fazia lá?

R – A gente, eu era Operadora de Telemarketing no início, e também a gente tava sendo preparada para ser Assistente Administrativa. A gente ligava para casa das pessoas convidando as pessoas a, praticamente a gente tentava convencer a pessoa a fazer o curso, era isso. A gente convidava a pessoa mais ou menos a fazer uma pré-entrevista, se caso aquela pessoa tivesse nas condições adequadas ficava para fazer um curso. E era essa a nossa função, ligar para essas pessoas, contatar para elas virem fazer a pré-inscrição pro curso.

P/1 – Depois o outro estágio que você teve de enfermagem?

R – Foi na, foi em vários hospitais. Foi na Pinel, ali na Botafogo que a gente também passou.

P/1 – Como é que foi essa experiência?

R – Foi louca mesmo. A gente estava... É assim, lidar com uma pessoa que não tem uma saúde mental normal, digamos assim – porque ninguém é totalmente normal – é complicado. É complicado, porque você tem que ser assim um pouco flexível, um pouco também maluco, você tem que aprender a compreender. Se ele tá falando de uma certa coisa: “Ah, olha ali, tô vendo passarinhos à minha volta, eu sou princesa, eu sou a fada” a gente vai concordar, a gente não vai discordar. Então assim, para mim foi uma boa experiência, foi uma boa experiência porque ali a gente pode aprender bastante, até mesmo acrescentar na área mesmo de Enfermagem como lidar, medicamentos em relação a medicamentos que se usa e que não se usa com esse tipo de paciente. Para mim foi legal. E a gente viu também que eles andam soltos, às vezes também eles até fugiam de vez em quando, mas foi bom. Depois foi no Carlos Chagas que a gente teve, foi, a gente pegou ali a emergência. E foi muito, foi dureza, ali que a gente vê como o ser humano é, todo mundo volta pro pó.

P/1 – Foi dureza como?

R – Porque o Hospital era superlotado, tinha uma superlotação e tinha pouca assistência porque faltava profissionais, entendeu? E não faltava apenas profissionais, faltavam recursos, não tinha como você atender e dar assistência para aqueles pacientes porque não tinha material adequado, às vezes não tinha equipamento adequado. Aí você ficava assim como se sentindo impotente, é que você tá ali, você fica às vezes frustrado porque você não consegue às vezes ajudar a pessoa da maneira como ela tá precisando ser ajudada. Foi isso muito que a gente viu ali. E parecia que era um Hospital de geriatria, só que na verdade não era, era um Hospital de pequeno porte e que prestava praticamente serviços gerais e não tinha condições de ter aquilo tudo. Aí depois a gente também foi para um hospital lá em Realengo, ali a gente fez ali maternidade. Maternidade foi muito bom, foi legal, foi divertido também com a área da maternidade, até porque era mais tranquilo. Mas foram muitos hospitais também.

P/1 – E você era tudo em Técnico de Enfermagem?

R – Tudo em Técnico de Enfermagem.

P/1 – Esses estágios eram em enfermagem?

R – Isso. A gente tinha que rodar essas hospitais, tinha que conhecer cada área, tanto maternidade como emergência, geriatria. Então por isso que a gente ficava rodando os hospitais. Posto de Saúde também, a gente trabalhou em Posto de Saúde, foi muito bom.

P/1 – Você queria ser enfermeira?

R – A princípio, sim, queria ser enfermeira, queria ser Técnica, no caso.

P/1 – E você pretendia fazer alguma faculdade?

R – Bom, no início do curso eu pretendia.

P/1 – Pretendia fazer o quê?

R – Eu pretendia dar continuidade à área de saúde.

P/1 – Fazer faculdade de?

R – De enfermagem. Aí ia me especializar na parte de... Mas iria mais para parte da maternidade, seria, esse seria o foco. E, mas no final mesmo, vendo as condições você vê que tem realmente que gostar além da conta.

P/1 – Que o quê?

R – Tem que gostar além da conta realmente da profissão. Mas o que mais me motivou a princípio a fazer enfermagem foi a condição da minha irmã, que poderia realmente ajudar ela, dar alguma assistência se caso ela precisasse.

P/1 – Por que sua irmã?

R – Porque minha irmã ela é cadeirante, ela precisa da ajuda de outras pessoas para se locomover. E também ela sofre de paralisia cerebral, então às vezes ela pode também dar crises convulsivas. Então assim saber como lidar com essa situação que me motivou a fazer enfermagem, entendeu? Mas no início assim do curso quando comecei a saber a respeito do Bolha, de ter um empreendimento, a possibilidade de ter um empreendimento que era seu que fez eu também ver outras coisas, outras profissões da qual eu vi que me familiarizava, que era até mesmo administração.

P/1 – Aí você acabou o curso de enfermagem?

R – Acabei o curso de enfermagem, peguei também a minha conclusão, mas eu também não exerço a profissão.

P/1 – E quando é que você, aí você também parou de trabalhar depois você entrou no Bolha, é isso?

R – Porque no final do curso, do técnico, do curso técnico, eu tinha que terminar também, tava fazendo o ensino médio e o técnico junto. No final do curso eu comecei tendo essa capacitação de origem. E teve essa possibilidade de você ter um negócio que era seu, um empreendimento que era seu. Aí comecei a me interessar nisso. Aí em vez de eu investir em Enfermagem eu comecei a procurar mais essa área para eu poder ter um meio de me sustentar, de ter um meio de me manter. Aí eu acabei ficando no Bolhas.

P/1 – Como é que você ficou sabendo do Bolhas?

R – Do Bolhas Coloridas? Antes não tinha nem nome, a gente não sabia que era Bolhas.

P/1 – Quando é que você entrou, como é que você?

R – Através da minha prima, minha prima apareceu lá em casa, aí ela falou que tinha.

P/1 – Como é que é o nome dela?

R – Roberta. Aí ela falou que teria um curso aqui dentro da Cidade de Deus, que era só apenas, que era apenas para mulheres. E esse curso a gente ia ganhar um recurso para manter, para montar um próprio empreendimento. A gente não sabia tanta informação, aí eles falaram para gente ir na Diálogos, que na Diálogos eles iam falar o que que ia acontecer. Aí quando a gente foi na Diálogos, ali na Castelo do Vinho, era o primeiro diálogo.

P/1 – Que é Castelo do Vinho?

R – É um, ai, um local onde vende vinhos, uma Casa de Vinhos, é como se fosse isso. Também tem uma área de restaurante ali em cima.

P/2 – Uma adega?

R – Isso, isso mesmo. Ali ele, a gente teve o primeiro diálogo ali, a gente passou o dia ali, o dia inteiro discutindo a respeito desse assunto. Aí eles falaram como iria ser isso aí. A princípio eles queriam cinquenta mulheres para montar um empreendimento.

P/1 – Quem eram eles, quem que tava organizando?

R – Era o fundo ELOS que tava organizando junto com o Projeto Elas em Movimento e a Chevron que tava dando o recurso inicial estavam financiando. Aí é que a gente soube que a gente poderia montar um empreendimento que pudesse ser nosso. Sendo que a princípio todo mundo ficou com um pé atrás porque seria um montão de mulheres, cinquenta mulheres, muita gente para um empreendimento só. Já viu como é que é a situação, ainda mais mulher que têm hormônios à flor da pele ia ser uma discussão total, uma briga total ali. Mas aí no Diálogos não tinha tantas pessoas, tinha uma média de 25 pessoas. E no segundo dia tinha de 30 ou 25 pessoas, aí a gente ficou sabendo realmente como ficaria. Aí dali a gente, cada um levantou uma opinião de que que elas queriam, de que que eles queriam montar. Aí saiu várias coisas, creche: “Não, vamos montar uma creche, não vamos fazer tortinhas, vamos fazer restaurante, lanchonete ou montar um salão de beleza.” Aí no início me veio essa idéia de reciclar óleo usado de cozinha e transformar em sabão. Aí cada um fez um planejamento ali rapidinho, de como seria, de como iria ficar. Aí desde ali eles fizeram perguntas em relação de como seria a comunidade, porque tava começando a entrar a UPP aqui também. Aí eles fizeram perguntas de como era a comunidade, fez pesquisa de preços. Aí ficou três possíveis empreendimentos, três projetos ali, ficou esse lá de sabão, ficou da tortinha que era trabalhar com comida, essas coisas assim um buffet, e ficou também a questão da creche. Aí eliminaram essas duas, só ficou a reciclagem de sabão, a reciclagem de usar o óleo usado de cozinha e transformar em sabão. Ficou esse porque a gente fez uma pesquisa aqui de mercado, a gente viu que tem mais de cinquenta restaurantes aqui e lanchonetes, então tinha poucos empreendimentos que trabalhavam com reciclagem para usar óleo usado de cozinha. E também as pessoas que estavam ali, além de querer buscar uma renda, eles queriam também algum meio, algum modo de poder ajudar a comunidade. E um meio que nós encontramos ali naquele horário, naquele momento foi isso – reciclar óleo usado de cozinha e transformar em produto de limpeza, porque era a única forma de não poluir o meio ambiente e gerar uma renda. E a gente decidiu fazer a reciclagem de óleo usado de cozinha e transformar em produto de limpeza. Até então o Bolhas não existia, não tinha nome Bolhas Coloridas. Quando a gente começou o curso de capacitação que a gente começou, quando a gente entrou na área de marketing, na área de divulgação do projeto, que até a minha irmã Verônica que é a responsável por essa parte, que a gente deu o nome ao empreendimento que surgiu Bolhas Coloridas. Aí surgiu vários nomes, a gente viu que o que se encaixava melhor, ficava mais adequado aí ficou o Bolhas Coloridas. Aí quando já tava no final do curso de capacitação tinha poucas mulheres, já não tinha tantas, tinha mais ou menos umas 15 ou 13 pessoas. E durante a construção do empreendimento essas pessoas foram saindo, até que ficaram seis pessoas, e dessas seis hoje nós somos quatro.

P/1 – Fala uma coisa, e como é que vocês fizeram a campanha para recolher óleo?

R – Primeiro a gente passou com carro de som inicial, depois realizamos panfletagem.

P/1 – Como que foi esse carro de som, vocês alugaram?

R – Alugamos, o primeiro foi horrível, o trabalho do cara foi de péssima qualidade. Não sei se a gente falou muito na cabeça dele, ele foi embora.

P/1 – Como foi embora?

R – Ué, ele foi embora, ele não ia ficar aí, a gente não ia contratar o serviço dele, foi de péssima qualidade. Até hoje ele passa, de vez em quando

né, provocando com o som, que bom que ele aprendeu a gente fala isso para ele. Mas a princípio foi muito ruim, porque a gente contratou esse moço. Mas depois foi tranquilo, a gente contratou uma outra pessoa, e por sinal também ela é mulher. Aí ela trabalha direitinho, a gente passou a divulgar. E nessa divulgação com carro de som a gente fala o local que é para levar o óleo usado de cozinha e o horário de funcionamento. E a gente passa também o informativo: porque é importante doar esse óleo usado de cozinha, não jogar no ralo, não jogar no rio, não jogar no lixo. E então assim nesse carro de som passa também cantando a música do Bolhas, então passa de um modo bem rápido também para pessoa pegar o informativo porque é importante doarem óleo usado de cozinha ou reciclar óleo usado de cozinha. Quem fizer esse uso é responsável, como se fosse uma responsabilidade, uma consciência ambiental, como se a pessoa ficasse responsável também pelos seus atos, como se fosse assim conscientizando também as pessoas. A gente também faz panfletagem como também a gente realiza venda, em casa ou na rua, a gente também entrega o panfleto, a gente explica. A gente também divulgou o Bolhas por meio também de, também foi televisão quando a gente fazia algumas entrevistas, também a gente fez para a Rede TV, para a Record, para a Band, então isso ajudou as pessoas a conhecer melhor o Bolhas, a se sensibilizarem, a doar o seu óleo de cozinha. Foi dessa forma que a gente divulgou o Bolhas.

P/1 – Qual, o que mudou na sua vida quando você entrou para esse grupo?

R – O Bolhas?

P/1 – É.

R – O Bolhas Coloridas? Bom, o resultado eu vejo mais no meu dia-a-dia. Mudou porque, bom, quando a gente entra no empreendimento próprio, nossa, a gente vê que qualquer situação ali para gente ver o resultado depende apenas da gente. Então isso assim eleva a nossa autoestima porque a gente vê que realmente nós somos capazes por ter chegado até ali, que a gente tem condições. E realmente foi mais isso, acho que eleva a nossa auto-estima, mostra que nós somos capazes, que podemos dar o nosso melhor, isso mesmo assim.

P/1 – Como é que é estar no movimento junto com a sua mãe?

R – Como é que tá?

P/1 – Como é que é trabalhar junto com ela?

R – Bom, minha mãe sempre foi muito minha amiga, então se torna fácil, porque você tá trabalhando com uma pessoa que você já conhece, você já convive, você já sabe bem daquela pessoa. Então, de uma certa forma se torna mais fácil lidar com essa situação porque você conhece os sentimentos, o comportamento, a personalidade daquela pessoa. Mas é bom, é tranquilo e me conforta trabalhar do lado dela, me conforta porque eu sei que é uma pessoa que eu posso confiar, que é uma pessoa que vai estar ali do meu lado e que não estar perto da minha área profissional, vai estar dentro da minha vida, do meu dia-a-dia. Então te deixa tranquila, com uma certa paz.

P/1 – Quais são as suas expectativas com relação ao projeto, ao futuro do projeto?

R – Espero que a gente consiga, além de gerar, continuar gerando renda, manter também a nossa renda e num futuro bem próximo – a gente crê nisso – que a gente possa ser uma referência, uma referência de conscientização ambiental, uma empresa voltada para isso. E que talvez não seja a maior ou a grande do Brasil, mas que talvez seja a melhor e produzir produtos de limpeza pela sustentabilidade, voltada por isso, por algo sustentável. Acho que é isso, levando essa visão de mulheres que são empreendedoras, essa é a minha visão sobre o Bolhas.

P/1 – Deixa eu só voltar um pouco na sua vida, posso voltar isso? Como foi para você sair do Leblon e vir para cá, essa mudança?

R – No início um pouco vaga, porque eu já vim aqui antigamente na Cidade de Deus, mas eu vinha com frequência porque a minha tia mora aqui, eu tenho parentes aqui. Mas para se adaptar ficou difícil, claro, sair de uma situação e mudar para outra. Mas não na intenção de poder aquisitivo, que lá eu tinha mais riquezas ou não, não por isso. Mas é a questão mesmo assim da situação aqui do local porque é diferente, são costumes diferentes, a cultura é diferente, as pessoas diferentes. Mas qualquer mudança provoca algum tipo de reação, então ficou um pouco perturbada, mas consegui depois me adaptar um pouco melhor.

P/1 – Quais são os seus maiores sonhos na vida?

R – Maiores sonhos? Bom, esses eu acho que não vão se realizar agora. Bom, é prover, ajudar minha mãe realmente a prover o sustento da minha família, continuar ajudando a minha família e ver a minha irmã um dia andando, acho que esse é um dos meus maiores sonhos, não só meu, das minhas irmãs também. Mas eu creio que isso vai acontecer, sim, num futuro bem próximo que é num novo mundo, claro que a gente acredita que vai ser aqui na terra, assim ver a minha irmã um dia andando também. Agora, meu pessoal realmente de ver isso, ajudar minha mãe também.

P/1 – Desse tempo que você tá no projeto qual foi um dia marcante assim, que dia que você ressalta: “Ah, teve um dia que...”?

R – Um dia marcante que eu tive no Bolhas? Foi um dia que acho que isso quebrou um pouco assim de anelo assim de, foi quando se quebrou a confiança entre o grupo, foi quando uma de nós traiu o grupo, entendeu? Traiu o grupo pelo seu comportamento, também acho que deve ter sido um momento de fraqueza dela quando ela agiu de forma traiçoeira com o grupo. Quando uma dessas componentes fez isso eu acho que foi um momento marcante não só para mim mas também para todo mundo, foi em fevereiro deste ano quando a gente também soube que o que ela havia feito, da maneira também como ocorreu a situação. Acho que esse foi um momento marcante, entendeu? É até uma situação um pouco delicada porque ninguém esperava isso dela e ela tomou uma atitude assim desonesta também. Eu acho também que esse foi um momento de desespero

dela. Mas esse foi um momento marcante quando se quebrou esse anelo, essa confiança e hoje também ela não está entre nós, não faz parte mais do grupo, mas esse foi o momento que mais marcou dentro do Bolhas.

P/1 – Que outro dia assim, algum dia de trabalho, de...?

R – Marcante, também? Eu acho que momentos também marcantes que também interferem muito, me fazem refletir muito, parando para pensar foi quando você recebe uma proposta, que às vezes é irrecusável você, uma proposta de emprego ou alguma coisa assim e você ver realmente uma disponibilidade de tempo que se você fizer aquilo talvez você não consiga levar seu empreendimento para frente ou que talvez você deixe de que o Bolhas vale assim desistir. Quando eu recebi uma proposta também de emprego aí eu fiquei realmente muito na dúvida, praticamente tentada a sair do Bolhas. E também porque o Bolhas ainda a gente tá no início e todo início de empreendimento tem suas dificuldades, e a gente passou por muitas dificuldades e ainda tá enfrentando algumas dificuldades. Então quando assim eu recebi essa proposta foi algo que me balançou muito porque eu fiquei na dúvida se eu continuaria ainda no Bolhas ou se não ficaria. E esse momento que eu passei por essa situação eu deixei transparecer um pouco até no meu trabalho porque certas situações eu já tava ficando até desanimada. Então isso também foi um momento marcante.

P/1 – Quê que você acha de dar o seu depoimento para um projeto como esse, contar a sua história de vida?

R – Quê que eu acho?

P/1 – Quê que você achou de ter contado aqui?

R – Eu? Eu achei agonizante. Eu fiquei um pouco nervosa, dá para ver isso, tensa. Até porque contar a respeito da sua vida você conta para pessoas íntimas, entendeu, para pessoas que te conhecem. E às vezes eu prefiro não contar como eu sou, eu gosto que as pessoas observem como eu sou. Praticamente eu sei me definir, eu sei o que eu sou e eu sei o que eu quero ser, eu sei o que eu não gosto. Mas eu prefiro que às vezes as pessoas observem, até porque eu mostro o que eu sou mais em ações e não em palavras, então contar a respeito de mim para outras pessoas que vão saber e talvez no mundo inteiro e internacional, não me deixa tão confortável, não me deixa no meu estado natural, entendeu? Eu não to no meu estado natural, estou anormal, entendeu, tô fora de mim, é como se fosse essa situação. Então me deixa um pouco desconfortável participar dessa experiência.

P/1 – Tá bom, queria agradecer.

R – Ah, obrigada.

Fim da entrevista